

NRE: Pato Branco	Município: Pato Branco
Nome do Professor: Sandra Mara Basséggio	E-mail: sandra_bass@seed.pr.gov.br
Escola: C. E. Carlos Gomes	Fone: (46) 32233875
Disciplina: Língua Portuguesa	Série: 3º ano – Ensino Médio
Conteúdo Estruturante:	Discurso como Prática Social
Conteúdo Específico:	Uma Leitura da Violência no Brasil sob a perspectiva da Análise de Discurso Francesa
Título:	Como a violência está sendo vista pelos brasileiros?
Relação Interdisciplinar 1: Sociologia	Colaborador 1:
Relação Interdisciplinar 2: Geografia	Colaborador 2:
Colaborador de Língua Portuguesa	

Violência no Brasil = Interesse de Iguais?

Ou Interesse de Diferentes?



No dia 01º de outubro de 2007, o Jornal Folha de São Paulo publicou um artigo do apresentador Luciano Huck que trazia o título “*Pensamentos quase Póstumos*”, onde ele relatava sua insatisfação em viver num país sem segurança. O apresentador do Caldeirão do Huck, programa da Globo que vai ao ar nas tardes de sábado, expressou sua indignação com a violência no Brasil depois de ter sido assaltado em uma esquina paulistana por dois “coitados” (palavras dele) montados numa moto com “um par de capacetes velhos” (também palavras dele), armados com um 38 e que levaram o seu Rolex. Luciano Huck foi assaltado no dia 27 de setembro, dentro do carro de um amigo, o empresário Fernando Di Gênio Barbosa, presidente da TV Mix, depois de saírem de um restaurante. O apresentador entregou o relógio, mas não prestou queixa. Sua omissão foi criticada pelo delegado-assistente João

Costa que disse: “Ele não forneceu o número do Rolex nem a descrição dos ladrões para investigarmos”. No mesmo dia da publicação, seu artigo foi lido por Ana Maria Braga, apresentadora do MaisVocê, da Rede Globo na abertura do seu programa. Foi apoiado por uns e criticado por muitos. Seu artigo foi tão polêmico que ele apareceu na capa da revista Época de 15 de outubro, foi o entrevistado das Páginas Amarelas da revista Veja de 10 de outubro e foi tema de artigos, ensaios e crônicas de várias outras revistas e jornais do país, mostrando que os ataques a ele superaram de longe o assalto. Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, escritor e rapper, autor de "Capão Pecado", romance sobre o cotidiano violento do bairro do Capão Redondo, na periferia de São Paulo, onde ele vive, entre outras obras, também se manifestou e seu artigo, “*Pensamentos de um Correria*”, foi publicado no mesmo jornal no dia 07 de outubro de 2007.

Análise dos Textos – Dialogando com o Referencial Teórico da Análise de Discurso Francesa

Para que possamos analisar os dois artigos, necessário se faz que nos apoiemos numa nova concepção de leitura e interpretação de textos concebida como Análise de Discurso, visto que não conseguiremos interpretá-los se nos detivermos nas relações internas e analisarmos apenas o aspecto lingüístico do texto. É por isso que devemos considerar o ato de ler como “*um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido - o autor e o leitor – ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos*”. (CORACINI, 2002). Para a AD, texto e discurso não se confundem. **Discurso** é “*efeito de sentido entre locutores*” (PÊCHEUX, 1990) ou, poderemos conceituá-lo também como um processo de significação em que estão presentes a língua, a história e o sujeito. O **texto**, por sua vez, é a materialização do discurso. Para a Análise de Discursos não é o TEXTO que determina as leituras, mas sim os SUJEITOS participantes de uma determinada FORMAÇÃO DISCURSIVA, sujeito esse que é clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, no qual se inscreve o discurso.



Atividades:

- 1) Você já tinha ouvido falar no escritor e rapper Ferréz? Pesquise sobre ele e suas obras.
- 2) Que tipo de gênero textual é o artigo?

Agora, vamos ler trechos dos artigos. O **Texto 1** é o do apresentador Luciano Huck e o **Texto 2** é do rapper e escritor Ferréz:

TEXTO 1 - Pensamentos quase póstumos

Luciano Huck foi assassinado. Manchete do "Jornal Nacional" de ontem. E eu, algumas páginas à frente neste diário, provavelmente no caderno policial. E, quem sabe, uma homenagem póstuma no caderno de cultura.

Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destrozada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio. Por quê? Por causa de um relógio.

Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado. Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia.

Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa.

(...)

Onde está a polícia? Onde está a "Elite da Tropa"? Quem sabe até a "Tropa de Elite"! Chamem o comandante Nascimento! Está na hora de discutirmos segurança pública de verdade. Tenho certeza de que esse tipo de assalto ao transeunte, ao motorista, não leva mais do que 30 dias para ser extinto. Dois ladrões a bordo de uma moto, com uma coleção de relógios e pertences alheios na mochila e um par de armas de fogo não se teletransportam da rua Renato Paes de Barros para o infinito.

Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso.

(...)

Escrevo este texto não para colocar a revolta de alguém que perdeu o rolex, mas a indignação de alguém que de alguma forma dirigiu sua vida e sua energia para ajudar a construir um cenário mais maduro, mais profissional, mais equilibrado e justo e concluir --com um 38 na testa-- que o país está em diversas frentes caminhando nessa direção, mas, de outro lado, continua mergulhado em problemas quase "infantis" para uma sociedade moderna e justa.

De um lado, a pujança do Brasil. Mas, do outro, crianças sendo assassinadas a golpes de estilete na periferia, assaltos a mão armada sendo executados em série nos bairros ricos, corruptos notórios e comprovados mantendo-se no governo. Nem Bogotá é mais aqui.

Onde estão os projetos? Onde estão as políticas públicas de segurança? Onde está a polícia? Quem compra as centenas de relógios roubados? Onde vende? Não

acredito que a polícia não saiba. Finge não saber. Alguém consegue explicar um assassino condenado que passa final de semana em casa!? Qual é a lógica disso? Ou um par de "extraterrestres" fortemente armado desfilando pelos bairros nobres de São Paulo?

Estou à procura de um salvador da pátria. Pensei que poderia ser o Mano Brown, mas, no "Roda Vida" da última segunda-feira, descobri que ele não é nem quer ser o tal. Pensei no comandante Nascimento, mas descobri que, na verdade, "Tropa de Elite" é uma obra de ficção e que aquele na tela é o Wagner Moura, o Olavo da novela. Pensei no presidente, mas não sei no que ele está pensando.

Enfim, pensei, pensei, pensei. Enquanto isso, João Dória Jr. grita: "Cansei". O Lobão canta: "Peidei". Pensando, cansado ou peidando, hoje posso dizer que sou parte das estatísticas da violência em São Paulo. E, se você ainda não tem um assalto para chamar de seu, não se preocupe: a sua hora vai chegar.

Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio.

Isso não está certo.

TEXTO 2 - Pensamentos de um "correria

Ele me olha, cumprimenta rápido e vai pra padaria. Acordou cedo, tratou de acordar o amigo que vai ser seu garupa e foi tomar café. A mãe já está na padaria também, pedindo dinheiro pra alguém pra tomar mais uma dose de cachaça. Ele finge não vê-la, toma seu café de um gole só e sai pra missão, que é como todos chamam fazer um assalto.

Se voltar com algo, seu filho, seus irmãos, sua mãe, sua tia, seu padrasto, todos vão gastar o dinheiro com ele, sem exigir de onde veio, sem nota fiscal, sem gerar impostos. Quando o filho chora de fome, moral não vai ajudar. A selva de pedra criou suas leis, vidro escuro pra não ver dentro do carro, cada qual com sua vida, cada qual com seus problemas, sem tempo pra sentimentalismo. O menino no farol não consegue pedir dinheiro, o vidro escuro não deixa mostrar nada.

O motoboy tenta se afastar, desconfia, pois ele está com outro na garupa, lembra das 36 prestações que faltam pra quitar a moto, mas tem que arriscar e acelera, só tem 20 minutos pra entregar uma correspondência do outro lado da cidade, se atrasar a entrega, perde o serviço, se morrer no caminho, amanhã tem outro na vaga.

Quando passa pelos dois na moto, percebe que é da sua quebrada, dá um toque no acelerador e sai da reta, sabe que os caras estão pra fazer uma fita.

Enquanto isso, muitos em seus carros ouvem suas músicas, falam em seus celulares e pensam que estão vivos e num país legal.

Ele anda devagar entre os carros, o garupa está atento, se a missão falhar, não terá homenagem póstuma, deixará uma família destrocada, porque a sua já é, e não terá uma multidão triste por sua morte. Será apenas mais um coitado com capacete velho e um 38 enferrujado jogado no chão, atrapalhando o trânsito.

Teve infância, isso teve, tudo bem que sem nada demais, mas sua mãe o levava ao circo todos os anos, só parou depois que seu novo marido a proibiu de sair de casa. Ela começou a beber a mesma bebida que os programas de TV mostram nos seus comerciais, só que, neles, ninguém sofre por beber.

(...)

Ainda menino, quando assistia às propagandas, entendia que ou você tem ou você não é nada, sabia que era melhor viver pouco como alguém do que morrer velho como ninguém.

Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem? Parece assunto de guerra. Não acreditava em heróis, isso não! Nunca gostou do super-homem nem de nenhum desses caras

americanos, preferia respeitar os malandros mais velhos que moravam no seu bairro, o exemplo é aquele ali e pronto.

(...)

Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser medido por isso.

(...)

A hora estava se aproximando, tinha um braço ali vacilando. Se perguntava como alguém pode usar no braço algo que dá pra comprar várias casas na sua quebrada. Tantas pessoas que conheceu que trabalharam a vida inteira sendo babá de meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da segurança e limpeza deles e, no final, ficaram velhas, morreram e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos!

Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez por alguns meses. O cara pra quem venderia poderia usar o relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa.

Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance. O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou.

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio. Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes.



Atividades:

- 1) Qual o papel desempenhado pela designação (escolhas lexicais) e pela negação na abordagem enunciativa do texto de Huck e Ferréz?
- 2) De que maneira a utilização de adjetivos, substantivos e verbos contribuem para uma representação dos assaltantes e do próprio Luciano Huck?
- 3) A repetição do verbo “pensar” mobiliza no texto uma representação acerca de três segmentos sociais: a periferia, a polícia e a política. Como esses setores participam da “luta” contra a violência na perspectiva de Huck?
- 4) O artigo de Huck gerou uma surpreendente enxurrada de mensagens ao “Painel do Leitor” da Folha de S. Paulo. Uma ou outra expressava solidariedade com o apresentador, pelo trauma sofrido. A maioria repudiava o texto, umas tantas por seus pecados óbvios (a empáfia, a ironia), mas muitas eram mensagens de leitores que afirmavam que, sendo ele um mauricinho, “da elite”, não tinha o direito de se revoltar contra um assalto. Exaltava-se uma espécie de vingança dos desfavorecidos contra o cara que

se deu bem na vida. Uma condenação “das elites”, onde de maneira subliminar estava dito que ele merecia ser assaltado. Como você analisa isso que está posto aqui.

5) Reclamar é direito de todos no Brasil? Justifique.

6) Observe a que conclusão o escritor Ferréz chega no artigo em que vai dramatizando as possíveis agruras da vida sofrida do suposto assaltante que levou o rolex de Luciano Huck: “No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio”. Poderíamos dizer que a visão de Ferréz é simplista e maniqueísta? Como o sujeito ladrão é visto nesse artigo? E como Luciano Huck é visto ao ostentar um relógio tão caro?

7) Com o roubo do Rolex do apresentador Luciano Huck a visão de uma parte do povo brasileiro veio à tona. Que visão é essa?

8) Você sabe por que um Rolex vale tanto? Pesquise a grife, a sua produção por ano e quais são os revendedores oficiais no Brasil.

Análise dos Textos – Dialogando com a Sociologia

Para Karl Marx, economista, filósofo e socialista alemão, sendo considerado um dos fundadores da Sociologia, “está na essência do capitalismo a divisão de classes”. Tomando isso como “verdade”, nos artigos lidos aparecem inúmeras contradições. Contradições de todas as ordens. Observa-se que o apresentador Luciano Huck vê a violência de uma maneira enquanto o escritor Ferréz vê sob outro ponto de vista. Huck cita em seu artigo que já faz a sua parte e não há comentários sobre o fato de andar com um Rolex no braço, “algo que dá pra comprar várias casas na quebrada”, segundo Ferréz. É aqui que a Análise de Discurso entra apontando um dos seus princípios: O apresentador Luciano Huck é afetado pelo “esquecimento ideológico”; ele tem a ilusão de que é a origem de seu dizer quando na verdade o seu dizer nasce em outros, que se manifestam através das leituras que efetiva no cotidiano desde o seu nascimento. É por isso que a Psicanálise tem contribuído muito para com a Análise de Discursos, pois ela explica que esse sujeito que “repete” um discurso (e aqui fica claro que o dizer é de uma determinada classe social) é o sujeito do inconsciente, portanto um sujeito desejanste, materialmente constituído pela

linguagem e interpelado pela ideologia. Porque para a AD não existe discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. Marilena CHAUI, filósofa brasileira e historiadora da filosofia, já disse que a ideologia é um saber cheio de lacunas ou de silêncios que nunca poderão ser preenchidos, porque, se o forem, a ideologia se desfaz por dentro, e tira sua coerência justamente do fato de só pensar e só dizer as coisas pela metade e nunca até o fim. MARX (acima citado) foi além e disse que os trabalhadores pensam como a burguesia, ou seja que a ideologia da classe dominada é a ideologia da classe dominante, porque somos mostrados como uma sociedade homogênea, como se todos tivéssemos oportunidades iguais. Michel PÊCHEUX, em suas teorizações, afirma que a materialidade ideológica só é possível de ser apreendida a partir da materialidade lingüística, que aparece nas formações discursivas; dizendo de outro modo, que aparece no dizer concreto de cada sujeito. Segundo o autor, a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica consiste justamente nesse assujeitamento ideológico que conduz cada pessoa a acreditar que, a partir de sua livre vontade, pode se colocar, sob a forma discursiva, no lugar de uma ou outra classe social, antagonistas no modo de produção. Para reforçar a questão dos inconscientes tanto do apresentador Huck como do rapper Ferréz, citaremos MARX (and Engels) que diz: “as idéias dominantes de uma época sempre foram as idéias da classe dominante”. Assim, de forma inconsciente, ou usando uma linguagem bastante simples: sem nos darmos conta, proclamamos aos quatro ventos “verdades” enfiadas em nossas cabeças como nossas, mas que foram plantadas aí pelas classes dominantes através dos mecanismos que elas controlam, como os meios de comunicação de massa, a própria escola entre muitos outros. E isso se obtém através da visão fragmentada do mundo, não permitindo que tenhamos uma visão de totalidade.

E é assim que tanto o apresentador Luciano Huck como o escritor e rapper Ferréz apresentam-se nas crônicas: Sujeitos imprescindíveis por que é a partir deles que surgem os discursos, mesmo não sendo os centros dos seus dizeres, mesmo não tendo poder de decisão e nem escolhas e estratégias de produção. Eles atuam como sujeitos que pensam ter o domínio sobre o que dizem, mas na verdade, é o inconsciente e as

ideologias de cada um que determinam os discursos. O sujeito Luciano Huck, o sujeito Ferréz não têm condições de despojarem-se desses elementos que são natos em suas formações, no momento em que emitem opiniões ou fazem colocações. Assim, eles (os sujeitos desses artigos) são determinados, sem se darem conta, a dizerem o que o seu lugar de formação social impõe que seja dito.

Quando o apresentador Luciano Huck escreve que, caso levasse as balas na cabeça, deixaria *“Uma multidão bastante triste (povo). Um governador envergonhado (José Serra). Um presidente em silêncio”* (Lula), ele está dando a si e ao evento uma grande importância, mostrando que o sentido das expressões por ele usadas não existe em si mesmo, mas nas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual o artigo foi produzido, ou seja, o sujeito assume um lugar de celebridade, de uma artista relevante, devido a grande repercussão que o assalto teria.

Em um outro trecho, o apresentador demonstra uma ironia que acaba criando contradições com as passagens mais amargas do seu artigo: *“Estou à procura de um salvador da pátria. Pensei que poderia ser o Mano Brown, mas, no ‘Roda Vida’ da última segunda-feira, descobri que ele não é nem quer ser o tal. Pensei no comandante Nascimento, mas descobri que, na verdade, ‘Tropa de Elite’ é uma obra de ficção e que aquele na tela é o Wagner Moura, o Olavo da novela. Pensei no presidente, mas não sei no que ele está pensando”*, o que também comprova que não há dizer que seja apolítico, já que o próprio processo de significação é dividido pelas determinações do contexto histórico. Para a AD a situação histórico-social na qual se organiza um discurso é de essencial relevância na extração dos sentidos, ou melhor dizendo, na constatação dos “efeitos de sentido”, provocados pelo sujeito discursante e nos sujeitos ouvintes ou leitores do discurso. É por isso que o discurso não é individual, ou seja, não é um fim em si mesmo, mas tem sua gênese sempre numa atitude responsiva a outros textos (BAKHTIN, 1997).

Se do ponto de vista empírico o texto é um objeto com começo, meio e fim, do ponto de vista discursivo reinstala-se imediatamente a sua

incompletude. Isso porque nem sujeito, nem discurso e nem os sentidos são completos.



Atividades:

- 1) Após os comentários feitos por Karl Marx e Marilena Chauí, responda: como os sujeitos Huck e Ferréz se marcam ideologicamente nos textos?
- 2) Observe algumas expressões retiradas dos textos: *não tiveram infância, salvador da pátria, selva de pedras*. Essas expressões, para a AD, são chamadas de “discursos pré-construídos”. Eles são ilocalizáveis, isto é, não temos como precisar quem disse e, como esses discursos representam verdades cristalinas, já que parece que não podem ser contempladas com olhares diferentes, a sua manutenção torna-se perigosa porque ao continuarmos reproduzindo e aceitando o já-dito não questionamos a veracidade destas expressões que tornam-se consolidadas e banalizadas em diferentes vozes.

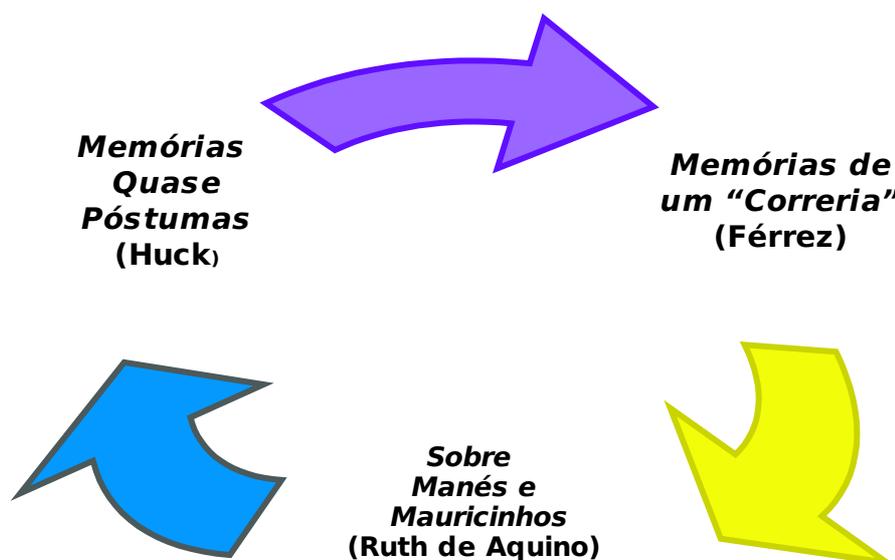
O pré-construído pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior, portanto, ele se opõe àquilo que é construído, porque ele foi “já-dito” e porque esquecemos quem foi seu enunciator.

(Dicionário de Análise do Discurso – Patrick CHARAUDEAU & Dominique MAINGUENEAU)

Comente com seus colegas e professor, alguns destes discursos pré-construídos.

Disseminação de Sentidos

Para a AD, no processo de escrita, sempre construímos um texto recorrendo a outro(s) texto(s) ou, como afirma BAKHTIN (1992): “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. Também necessário se faz destacar que a inserção de velhos enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos.



Como os textos produzem essa disseminação de sentidos, apresentaremos o **Texto 3** que é um trecho do artigo da redatora-chefe da revista *Época*, Ruth de Aquino, a qual também posicionou-se quanto aos artigos de Luciano Huck e de Ferréz.

TEXTO 3 – Sobre Manés e Mauricinhos

Luciano Huck chama de “um monte de manés” quem o criticou com palavras duras e preconceituosas. Huck foi execrado como mauricinho chorão por ter denunciado com indignação um assalto em São Paulo. Dois bandidos levaram seu Rolex. O apresentador, um dos mais populares da TV Globo, legítimo representante da “zelite” branca, ficou magoado com o tom das críticas. Huck achava que era muito amado. Caso morresse com um tiro de 38, deixaria “uma pobre criança órfã e uma jovem viúva”, “uma multidão bastante triste”, “um governador envergonhado” e “um presidente em silêncio”. Sua morte seria a manchete principal no *Jornal Nacional*. Provavelmente, tudo verdade. Está escrito em seu artigo na Folha de S.Paulo.

Huck talvez achasse que os ladrões (“pobres coitados em cima de uma moto”) o poupariam quando vissem quem ele era. Afinal, Huck tem consciência social. “Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes”, escreveu. Também criou uma ONG, o Instituto Criar, que paga meio salário mínimo a 200 jovens anualmente. Em seu artigo, gaba-se de uma qualidade rara no Brasil: “Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna”. Enfim, um profissional talentoso, empresário bem-sucedido da mídia, casado com outra estrela da TV, Angélica. (...) Huck pensou, pensou, pensou. E escreveu que “pensando, cansado ou peidando” hoje faz parte das estatísticas da violência. No dia seguinte ao roubo de seu Rolex, o apresentador disse que amanheceu “envergonhado de ser paulistano”. Chamou o Capitão Nascimento e a tropa de elite, mas não fez boletim de ocorrência, não confiou na polícia. Até agora, ninguém sabe quanto custou seu Rolex. Para Huck, o valor é emocional, pois foi presente da mulher. Há quem diga que “pendurar algumas casas populares no pulso” é pedir para ser assaltado no Brasil. No fundo, pouco importa o valor: o Rolex é uma metáfora. Tirar uma bala de caramelo do

bolso de uma criança ou uma jóia do pulso de um empresário é uma violência. Bandido pobre e bandido rico são bandidos. E todas as pessoas de bem querem, como Huck, que bandidos estejam na cadeia.

O que ninguém disse ainda para o Huck, profissional exímio de TV, é que a palavra escrita tem um peso tão grande que pode provocar uma reação oposta à desejada. Ele acreditava cumprir um dever ao denunciar o assalto, e aguardava uma onda de solidariedade. Seu pedido de socorro virou bumerangue. Seria porque “o sucesso no Brasil é uma ofensa pessoal”, como dizia nosso maestro Tom Jobim? Ou Huck deixou passar, nos clichês de seu artigo (“de um lado a pujança do Brasil, do outro, crianças assassinadas a golpes de estilete”), uma ingênua perplexidade com a tragédia da violência urbana e da desigualdade social? Prever uma comoção nacional com sua hipotética morte nas mãos de “assaltantes extraterrestres” não fez bem ao raciocínio de Huck. O caldo entornou do caldeirão.

Huck, não fique triste, no fundo ninguém deve ter nada contra você. Se um jornalista ou antropólogo escrevesse um texto pueril, superficial, e auto-referente como o seu, sobre um assunto tão complexo, levaria pau do mesmo jeito.



Atividades:

- 1) “Um monte de manés”, foi assim que Luciano Huck chamou aqueles que criticaram o seu artigo. Para você, é melhor ser “mané” ou “mauricinho”? Todo “mauricinho” é “mané” ou todo “mané” é que é “mauricinho”? Que tipo de sujeito chama a outros de “mané” ou “mauricinho”?
- 2) Interdiscursivamente, este texto faz falar que discurso?
- 3) Que sentido tem para você a expressão sublinhada? “O apresentador, um dos mais populares da TV Globo, legítimo representante da “zelite” branca, ficou magoado com o tom das críticas.”
- 4) No último parágrafo, a jornalista escreve: “Se um jornalista ou antropólogo escrevesse um texto pueril, superficial, e auto-referente como o seu, sobre um assunto tão complexo, levaria pau do mesmo jeito”; como você entende esse comentário?

Mas não nos iludamos. A própria citação pressupõe uma escolha, uma opinião, um ponto de vista. E o discurso transposto ou simplesmente trazido à tona da memória não significa sozinho, mas em um intertexto, isto é, na companhia de um outro discurso com quem divide a responsabilidade do sentido. (O aposto e o intertexto - José Carlos de AZEREDO)

- 5) Baseando-se no que está posto no retângulo acima, como você analisa as citações feitas por Ruth de Aquino em seu texto?



E então? Se o assalto a Luciano Huck mostrou que a polícia não consegue conter o roubo nas grandes cidades o que faltou revelar é que há uma organização muito bem estruturada que intercepta os Rolex roubados.

MAS onde está a verdade com relação à violência?

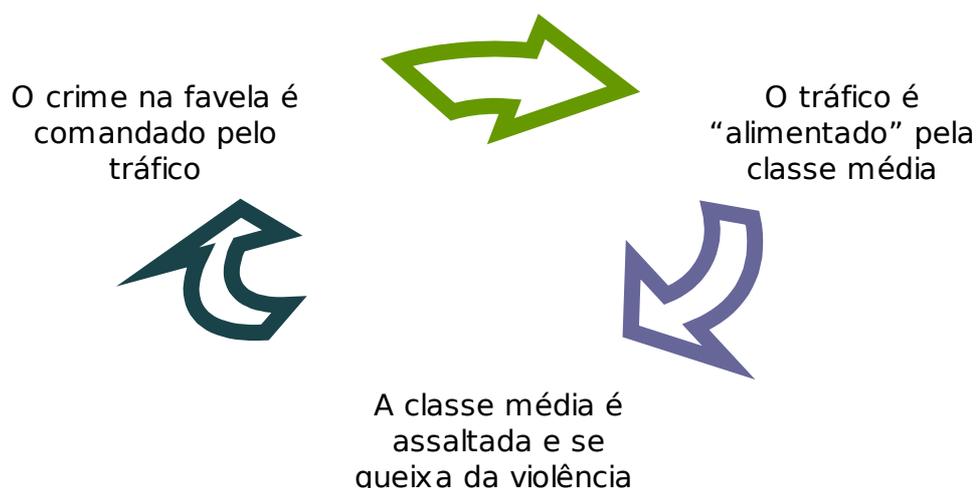


Dialogando com a Geografia

Por muito tempo, aqui no Brasil, a violência vem sendo debatida sob o ponto de vista político. Sabemos que, simplificando bastante, há duas correntes: a da direita e a da esquerda. Para a direita, a violência só diminuirá com repressão, polícia, cadeia. Para a esquerda, a violência é fruto da exclusão social e ela só diminuirá com políticas públicas de inclusão. E não é só por ponto de vista político que há profundas divergências sobre o tema; diferentes setores da sociedade divergem sobre o tema violência, mostrando que formular ações nesta área não é tarefa fácil. Com relação à violência nas escolas, FELÍCIA REICHER MADEIRA (Socióloga, Demógrafa, Diretora Adjunta de Análise Socioeconômica da Fundação Seade) em seu artigo *VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: quando a vítima é o processo pedagógico*, reforça essa posição antagônica relatando:

“A parcela da população com vocação direitista, como sempre, passou a exigir ações imediatistas e repressivas, como a presença da polícia na escola ou até a sua militarização através da colocação de detectores de metal. Já a esquerda insistia nos argumentos de sempre – o crescimento da exclusão, desemprego, a perda do poder de ganho do salário, a ausência de investimento em educação, política educacional equivocada, etc. –, sem propostas concretas de ação.”

E novamente os círculos, tão presentes neste Folhas reaparecem para reforçar que a questão com relação à violência é mais complicada do que parece e também para esclarecer que a sua intensidade e concentração está desigualmente distribuída pelas áreas geográficas do país e com forte presença nas periferias das áreas metropolitanas.



O amplo embate em torno do filme "Tropa de Elite" do diretor José Padilha que só teve sua estréia em circuito nacional no dia 12 de outubro de 2007, mas que, mesmo assim, já tinha sido visto por mais de um milhão de pessoas em DVDs piratas e cópias baixadas da internet, está longe de ser um fenômeno isolado. Essa obra de ficção, retrata como a criminalidade degradou o Brasil, de maneira específica no Rio de Janeiro, trazendo, pelo menos, duas questões. Uma diz respeito a visão romantizada dos criminosos apresentada pelo cinema brasileiro ao longo dos anos e a outra, que mostra o usuário de drogas, como cúmplice da violência dos traficantes e da polícia, pois é ele quem financia o comércio de entorpecentes.



Atividades:

1) Pesquise e faça uma resenha dos seguintes filmes brasileiros: "O bandido da Luz Vermelha", "O Assalto ao Trem Pagador", "Lúcio Flávio – O Passageiro da Agonia", "Cidade de Deus", "Carandiru" e "Cidade dos

homens”. Depois, privilegie o seguinte questionamento: Sob qual ponto de vista a história de cada filme é narrada?

2) De quem é a responsabilidade quando pensamos na polícia como um agente de violência que tememos e que até devemos combater?

3) De onde vem a imagem do bom bandido? Se antes ele agia por ideologia, hoje é por consequência de quê?

O filme “Tropa de Elite” inicia com o narrador dizendo que o Rio De Janeiro tem mais de 700 favelas. Observe, segundo Adriana MENDES DE PINHO VIAL, como se deu esse processo e quais foram as principais causas do início do processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro e de seu crescimento:

“...falência do sistema escravocrata e a posterior abolição da escravatura, fato este que trouxe ao desabrigo um enorme contingente humano de desempregados e de famílias sem teto; crise nas áreas rurais, cuja economia entrou em colapso pela falta de mão de obra escrava; crescente êxodo rural, ocasionado pela falsa atração de oferta de trabalho urbano; as migrações de outras regiões para a capital do país; a batalha travada contra os cortiços tidos como insalubres, proliferadores de doenças contagiosas, que terminavam por ser demolidos; início do processo de industrialização que foi atraindo um grande número de interessados nesse tipo de trabalho, gerando uma nova mão de obra desempregada na cidade; e a implantação da Reforma Passos, que derrubou vários quarteirões com habitações não repostas e, conseqüentemente, aumentando o número de desabrigados.” (VIAL, 2001: 02)

Segundo o site (http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro) o Rio de Janeiro, que faz divisa com os estados de Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais é um dos menores estados do país e o menor da região Sudeste. O Estado do Rio de Janeiro, que possui 92 municípios, uma área de 43.695,054 km², uma população de 15.406.478 hab.(estimativa de 2007) e densidade demográfica de 352,58 hab/km², possui o maior nível de educação no Brasil. Apesar da violência, os estudos mostram que a nível nacional, escolas públicas fluminenses possuíram bons índices de aproveitamento no último censo.



Atividades:

- 1) Pesquise a origem da palavra FAVELA.
- 2) Existem no Estado duas unidades de relevo: a *Baixada Fluminense*, que corresponde às terras situadas em geral abaixo de 200m de altitude, e o *Planalto ou Serra Fluminense*, acima de 200 metros. Normalmente, quando nos referimos a uma favela, automaticamente nos vem a idéia de morro, que são mais freqüentemente ocupados por esse tipo de assentamento por serem menos valorizados. O relevo apresentado pelo Rio de Janeiro favorece este fato?

Observe o mapa do Brasil e suas divisas:



E então? Se o filme mostrou que as favelas do Rio recebem periodicamente carregamentos de drogas, o que falta revelar é como que elas cruzam os nossos 16.000 quilômetros de fronteira seca ou, de maneira mais específica, os 635 quilômetros de extensão da costa do Rio, banhados

pelo Oceano Atlântico, sendo superada em tamanho apenas pelas costas da Bahia e Maranhão.

E então, você acha que enfrentamos um risco constante com relação à violência? É notório que sim, mas em todos os cantos desse Brasil, existem ações para o enfrentamento desse problema e, caso consigamos readaptar essas ações em nossas escolas, municípios, estados, teremos uma diminuição da violência. E para exemplificar, deixamos um trecho da reportagem do Jornal Tribuna do Direito de Julho de 2005:

“Odilon de Oliveira, de 56 anos, (...) é juiz federal em Ponta Porã, cidade de Mato Grosso do Sul na fronteira com o Paraguai (...) Em um ano, o juiz condenou 114 traficantes a penas, somadas, de 919 anos e 6 meses de cadeia, e ainda confiscou seus bens. Como os que pôs atrás das grades, ele perdeu a liberdade. “A única diferença é que tenho a chave da minha prisão.” Oliveira confiscou ainda 12 fazendas, 3 mansões, 3 apartamentos, 3 casas, dezenas de veículos e 3 aviões, tudo comprado com dinheiro das drogas.”

Para saber mais, acesse o site abaixo e assista à reportagem do Jornal Nacional que foi ao ar no dia 03 de março de 2007.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM646829-7823-COMBATE+AOS+PLANTADORES+DE+MACONHA,00.html>

SUGESTÕES de Leitura: 1) Entrevista feita pela Revista Set (Outubro 2007 – Ed. 244) ao elenco de Tropa de Elite. 2) Matéria: “A tropa Revelada” (SuperInteressante – Novembro 2007) 3) Ensaio de Roberto de Pompeu de Toledo (Revista Veja 24 de outubro, 2007).

SUGESTÃO de Filme: Quanto vale ou é por quilo? (“Presença” das ONGS nos morros)

SUGESTÃO de Produção de Texto: Redija uma dissertação sobre o tema “Como a violência está sendo vista pelos brasileiros”?

Referência Bibliográfica

01. BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
02. CHAÚÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2003.
03. CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. (org) **O jogo discursivo na Aula de Leitura: Língua materna e Língua estrangeira**. Campinas SP, Pontes, 2002.

04. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
05. Jornal FOLHA de S. PAULO. Trechos dos Artigos de Luciano Huck (1º / 10/07) e de Ferréz (07/10/07)
06. Jornal TRIBUNA DO DIREITO. Trecho de reportagem sobre juiz federal de Ponta Porã em julho de 2005
07. MADEIRA, Felícia Reicher. **Violência nas escolas: quando a vítima é o processo pedagógico**. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a05.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2008.
08. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. Trad. De José Carlos Brumi e Marco Aurélio Nogueira. 1ª ed. São Paulo, 1997.
09. ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.
10. _____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
11. PÊCHEUX. M. **O discurso - estrutura ou acontecimento**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.